

A influência de Youtubers na Luta contra o Preconceito: Racismo, Rede Social e Pertencimento.¹

Renata Nascimento da Silva²
Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos³

Resumo:

O presente artigo busca compreender a maneira como as questões raciais afetam o sujeito na contemporaneidade. Deste modo, elegemos como objeto de análise o vídeo “Caião quer conversar”, postado pela youtuber Júlia Tolezano em seu canal do YouTube. O vídeo aborda uma discussão acerca do preconceito racial e da identidade negra. Na análise deste artigo, usamos como aporte metodológico, pesquisas bibliográficas sobre ciberespaço, rede social, minoria, racismo e preconceito, articuladas aos conceitos teóricos de Bernardo Jablonski e Margaret Wertheim entre outros autores. Assim sendo, no plano de análise empírica, este artigo pretende demonstrar como as “falas” em torno do preconceito racial são capazes de suscitar reflexões, diálogo e até mesmo dissenso, enquanto elementos de enunciação e revelação das formas sutis e evidentes do racismo.

Palavras-chave:

Ciberespaço; Redes Sociais; Preconceito Racial; YouTube.

Introdução

Na contemporaneidade, minoria é um dispositivo simbólico de intencionalidade ético-política na luta contra hegemônica; em uma definição muito além de uma fusão gregária mobilizadora, uma massa ou multidão. Na concepção de Sodré (2013), minoria refere-se à possibilidade de um grupo atuar nas instâncias decisórias de poder.

Lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação de poder, minoria “(...) é um *topos* polarizador de turbulências, conflitos de fermentação social” (SODRÉ, 2013, p. 12). Implica, então, em uma dinâmica de conflito na busca por inserção grupal. Tais grupos, por sua vez, configuram uma identidade *in status nascendi*, isto é, uma identidade em formação, a qual se alimenta da força intrínseca dos estados nascentes. Desse modo, “a minoria vive desse eterno recomeço.” (SODRÉ, 2013, p. 13).

1 Artigo apresentado ao Eixo Temático 12–Violência política e social/ Violência simbólica/Racismo/Xenofobia/Exclusão do IX Simpósio Nacional da ABCiber

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Mídia e Cotidiano – PPGMC, da Universidade Federal Fluminense, bolsista da Capes, pesquisadora vinculado ao LECC – Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária – ECO/UFRJ.

3 Professor Adjunto na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO / UFRJ).

A partir da noção contemporânea de minoria, podemos estender uma reflexão sobre “modernidade” e “pós-modernidade”, conceitos que também invocam a questão da identidade. Na modernidade, a identidade se ancora na razão, na reflexividade, na existência de um centro unificador. Trata-se de uma identidade fixa, estável, que funciona como um centro de referência. A essa identidade, opõe-se radicalmente, a identidade da pós-modernidade; de caráter instável, aberta a múltiplos devires, alimentada por um grande fluxo informacional. Ao pensarmos, porém, nos fatores desencadeadores desses dois novos tipos identitários - a midiaticização crescente, a instauração do consumo, a aceleração do capitalismo, a reestruturação dos espaços públicos e privados e o desenvolvimento do ciberespaço (ambiência virtual) – estabelecemos um paralelismo entre elas.

O aparecimento do ciberespaço assumiu um papel catalisador no cotidiano das pessoas. Seu desenvolvimento e crescimento estendeu a forma de contato entre as pessoas. Hoje somos uma sociedade “on-line”. O contato não é mais apenas o físico, mas mediado pela tecnologia. A ampliação de nossa rede de convívio trouxe consigo o aumento fabuloso do conhecimento e da informação sob todos os aspectos, sejam eles de caráter político, social ou econômico, ou de mero entretenimento, como jogos, salas de bate-papos, fóruns de discussões, etc. A capacidade exponencial da rede é tamanha que sua demanda gerou a necessidade de um conjunto mundial padronizado de procedimentos, permitindo a todas as redes a troca de informações. Surgia assim, a expressão “Internet”.

Como uma rede que abarca sem qualquer discriminação e onde cabem todos, independentemente da raça, da classe ou do lugar e local, a internet fez desaparecer a prisão do corpo, ao mesmo tempo, em que expõe os conflitos sociais, culturais, políticos. Na expansão desses fluxos de informações e de imagens, as relações sociais intensificadas na forma do compartilhamento de ideias em redes colaborativas, deram origem às chamadas redes sociais.

Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015⁴, metade da população brasileira utiliza a internet e 92% dos seus usuários estão conectados a redes sociais, as mais utilizadas sendo: Facebook (83%), WhatsApp (58%) e YouTube (17%). As redes sociais funcionam como canal de interação, distribuição e circulação de informações atreladas às práticas cotidianas. Partindo da perspectiva das redes sociais como espaço de livre circulação de ideias e manifestação de opinião, esse artigo busca reforçar a importância das mídias digitais como uma nova ambiência virtual, capaz de agregar sujeitos em torno de temas diversificados.

⁴ Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/pesquisa-brasileira-de-midia> . Acesso em: 12.dez.2016

A rede social YouTube, lançada em maio de 2005, oferece um espaço de conexão às pessoas para que se informem e produzam seu próprio conteúdo. Segundo estatísticas disponíveis no próprio site, mais de um bilhão de usuários visitam o YouTube todos os meses, e mais de seis bilhões de horas são assistidas a cada mês nos diversos canais disponíveis. Os usuários que viabilizam o conteúdo nesta rede, chamados de *youtubers*, concentram milhões de usuários em seus canais, por meio de assinaturas. O *youtuber* posta vídeos de acordo com a frequência que lhe convém, e seu conteúdo é acessível a qualquer internauta, desde que pesquise.

O canal da *youtuber* Julia Tolezano, chamado de *Jout Jout Prazer*, conta com 984.310 inscritos e 114.663.376 visualizações⁵, de acordo com a descrição da própria *youtuber*. O canal não possui roteiro, ou seja, um tema fixo; os vídeos postados abordam os mais variados temas da sociedade pela visão da autora. Na construção da análise deste artigo escolhemos o vídeo intitulado: “Caião quer conversar”, no qual o namorado da *youtuber* aborda a questão do racismo e a questão da identidade negra.

Para fins elucidativos, o artigo foi dividido em três partes. A primeira parte se dedica a trazer à tona reflexões sobre as causas do preconceito contra o coletivo de minoria negra, de acordo com a psicologia social. A segunda parte, de forma complementar à primeira, apresenta o preconceito no ciberespaço, mais especificamente, nas redes sociais. A terceira parte, de maneira preliminar, analisa narrativas presentes em torno da temática do racismo, na rede social YouTube, optando pelo canal da Jout Jout, a partir do recorte no vídeo “Caião quer conversar”. Para realização dos objetivos propostos foram utilizados como aportes metodológicos: pesquisa bibliográfica, com o fim de compreender o sujeito contemporâneo e a influência das redes sociais em seu cotidiano, e a netnografia, dividida em mapeamento e coleta de material e interpretação dos dados, aqui apresentados em síntese, por meio de algumas postagens na rede social.

A contribuição central que se busca nesta análise, pretende ser a de pensar o ambiente virtual como um espaço que permite ao sujeito contemporâneo refletir e se envolver, primordialmente, por afeto e empatia; fatores que podemos perceber nos comentários feitos por parte dos próprios usuários. Assim, ressaltamos também a importância das inovações tecnológicas na transformação do comportamento do homem contemporâneo, dado que o surgimento dessas outras ambiências permitiu que novos debates aparecessem e que pessoas

⁵ Os dados apresentados foram extraídos do site <https://www.youtube.com/channel/UCbE7YGLZ-VY0oCgfsCSJ5Sg> acessado em 14.dez. 2016

com as mesmas ideias ou desejosas de compartilhar suas visões pudessem se unir e compartilhar estórias.

Preconceito e Minoria

O preconceito é uma categoria da esfera do cotidiano referente às atitudes ou comportamentos negativos direcionados a indivíduos ou grupos, baseado num julgamento prévio, convertido em sentimentos negativos. Na concepção de Bernardo Jablonski, o preconceito “tão velho quanto a humanidade, e, por isso de difícil erradicação” (JABLONSKI, 2010, p. 135), abrangeria os termos racismo, sexismo ou segregacionismo.

Para Jablonski (2010), na base do preconceito se encontra o estereótipo. Segundo ele, os estereótipos podem ser positivos, neutros ou negativos. O termo refere-se à atribuição de certas características a pessoas ou grupos. Por meio de uma representação mental, tendemos a enfatizar o que há de similar entre essas pessoas, sem nos atentarmos para as diferenças individuais. Para os psicólogos sociais contemporâneos o estereótipo “agiliza” as nossas reações frente ao mundo e, na maioria das vezes, implica em generalizações incorretas e indevidas, principalmente, quando não conseguimos enxergar os indivíduos em suas diferenças e traços pessoais. O estereótipo, por sua vez, descreve o processo de simplificação e redução de complexidade do real, direcionando a atenção para determinadas classes de informações e eliminando outras, além de generalizar as classes selecionadas de informações a um determinado grupo social ou a uma determinada situação.

Marcos Emanuel Pereira observa que “os estereótipos constituem um tipo particular de crença: aquela compartilhada por um grande número de pessoas e que possui um número bastante grande de alvos em potencial” (PEREIRA, 2011, p. 87). O estereótipo como crença compartilhada tem por referência padrões de condutas ou atributos comuns aos grupos sociais. As crenças disseminadas culturalmente constroem o nosso imaginário e nos acorrem tão logo nos deparamos com certas pessoas, grupos ou com dadas circunstâncias sociais, potencialmente capazes de ativar o preconceito. Dentre as possíveis causas do preconceito, a psicologia social aponta as competições e os conflitos econômicos, os fatores de personalidade e a questão do “bode expiatório”.

A partir do conceito contemporâneo de minoria, grupos sociais que lutam contra a imposição dos valores hegemônicos dentro da sociedade civil (SODRÉ, 2013) e cujo desejo de transformação e de participação implica a garantia dos direitos humanos fundamentais, como a liberdade de expressão dos seus valores sociais e culturais e o respeito às diferenças

identitárias, pode-se contextualizar a primeira causa do preconceito conforme a psicologia social: a questão da competição e dos conflitos políticos e econômicos. A competição, por força dos conflitos ligados à conquista de status social, de poder político e de recursos materiais, constitui-se como um poderoso fermento na dinâmica dos conflitos sociais e na formação de estereótipos negativos acerca do “competidor”, unindo as forças grupais em torno do ataque ao inimigo.

Por meio dessas tentativas de depreciação do grupo adversário, o preconceito se organiza como dispositivo de contenção ao fluxo de mudança almejado pela minoria. A produção desta retórica tem por objetivo deslegitimar as ações sociais e impedir o aparecimento de “novas vozes” passíveis de conflagrar disputas ideológicas. Competição e conflito podem gerar as mais diversas formas violentas de ações, a fim de que os grupos dominantes assegurem seus poderes. É desta maneira que os conflitos violentos decorrentes da guerra de posição (COUTINHO, 1999) atravessam o cotidiano e alcançam as esferas da política e da economia.

O preconceito tem florescido à sombra da crise econômica dos países. Quando uma economia atravessa um período de crise, é difícil para o cidadão comum brigar contra o abstrato sistema econômico. É simples, porém, para o sujeito, deslocar sua raiva para os grupos minoritários mais facilmente detectáveis e socialmente mais desprotegidos de poder e que já carregam no imaginário social⁶ o estigma da desordem e do caos. Essa transferência de sentimentos de raiva ou de inadequação para grupos ou indivíduos relativamente sem poder de defesa, pelos quais, de antemão, nutrimos sentimentos negativos, refere-se ao fator do “bode expiatório”. De forma sumária, a teoria do “bode expiatório” prega que os sujeitos quando insatisfeitos tendem a transferir o sentimento de insatisfação aos coletivos ou atores sociais que demonstrem mais fraqueza.

Segundo Adorno e seus colaboradores (2010), as atitudes intolerantes seriam consequências próprias de uma personalidade autoritária⁷. As pessoas autoritárias, submetidas a métodos rígidos de educação e disciplina, se tornariam menos tolerantes e

⁶ “O imaginário social está composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetiva de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Sendo uma produção coletiva é o depósito da memória que os indivíduos e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano, bem como as percepções de si mesmos e dos outros” (MORAES, 2009, p. 86).

⁷ “Denominaram de personalidade autoritária o conjunto de traços adquiridos que tornariam uma pessoa mais rígida em suas opiniões, intolerantes para com quaisquer demonstrações de fraqueza, em si ou nos outros, pronta a adotar valores convencionais, desconfiança, propensa a adotar ou pregar medidas de caráter punitivo e a dedicar respeitosa submissão a figura de autoridade de seu próprio grupo, e clara rejeição aos que não pertencem ao seu ciclo restrito de relações.” (JABLONSKI; BERNADO, 2010, p. 156)

com grande dose de dificuldade para lidar com situações adversas. Este tipo de formação resultaria em adultos etnocentristas: “isto é, que acreditam na superioridade do grupo étnico ou cultural a que pertencem, com o correspondente desprezo por membros de outros grupos” (JABLONSKI, 2010, p. 156)

Casos assim fazem com que as culturas dos grupos dominantes sejam exaltadas e valorizadas constantemente e os valores dos grupos minoritários sejam perseguidos como se representassem inimigos. É neste sentido que Jablonski ensina que “o ódio reprimido, inconsciente, mais tarde afloraria, só que dirigido a grupos minoritários e desprotegidos” (JABLONSKI, 2010, p. 156).

As normas sociais aprendidas e repassadas através de diversos canais – família, escola, crença religiosa, arte, mídia – são outra faceta do preconceito na esfera do cotidiano, na medida em que podem enfatizar preconceitos e estereótipos negativos de determinado grupo:

(...) preconceitos persistem em um dado momento em uma cultura. Basta que seja uma sociedade que acredite em certos tipos de estereótipos depreciativos ou veja como normal o trato diferenciado a determinado grupos étnicos, regionais, ou, ainda, a mulheres ou a praticantes de uma religião (JABLONSKI, 2010, p. 158)

Na categoria das causas sociais do preconceito, os meios de comunicação desempenham papel fundamental na perpetuação de estereótipos e preconceitos. A partir de estratégias discursivas, a influência dos meios de comunicação propaga o discurso intolerante que se torna, em alguns casos, um consenso estabelecido entre os cidadãos. Tais estratégias vêm a ser aquilo que Ivana Bentes (2014) chamou “ódiojornalismo” - oratória dos articulistas e colunistas de grupos ultraconservadores, cujo objetivo é espalhar medo, insegurança e ressentimento, conforme assinala a autora na citação abaixo:

Essa demonização da política tornada cultura do ódio se expressa por clichês e por uma retórica de anúncio de uma catástrofe iminente a cada semana nas colunas dos jornais e que retroalimentam, com medo, insegurança, ressentimento, uma subjetividade francamente conservadora de leitores e telespectadores. Se lermos os comentários das notícias e colunas nos jornais (repercutidos também nas redes sociais), vamos nos deparar com um altíssimo grau de discursos demonizantes, raivosos e de intolerância, à direita e agora também à esquerda. Trata-se de uma redução do pensamento aos clichês, memes e fascismo, extremamente empobrecedora, mas incrivelmente eficaz (BENTES, 2014⁸)

⁸ Entrevista concedida pela professora e pesquisadora Ivana Bentes ao site IHU On-Line. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/537080-eleicoes-2014-a-narrativa-ultrapassou-a-razionalidade-entrevista-especial>- Acesso em: 16.dez.2016

Para Agnes Heller (2008), a fé é o afeto do preconceito. A fé vem acompanhada pelos sentimentos amor-ódio. O ódio, por vezes, exacerba a consciência e a capacidade de reflexão de quem o sente, até alcançar os requintes mais sutis da perversidade (GLUCKSMANN, 2004). Se pensarmos no ódio como um sentimento ligado ao preconceito, percebemos que o preconceito é tão velho quanto a humanidade (JABLOSNIKI, 2010), que sempre esteve presente na história da civilização nas mais diversas formas e espaços.

Os espaços e o homem

Ao longo dos séculos, a sociedade ocidental foi fértil em inúmeras transformações. As inovações técnicas nos meios de transporte no século XIX, garantiram um maior conforto ao viajante, assim como lhe imprimiram uma nova experiência ligada à passividade e ao individualismo. Para Sennett (1997), “(...) a tecnologia transformou o movimento numa experiência passiva. O corpo em movimento, desfrutando de cada vez mais comodidade, viaja sozinho e em silêncio: anda para trás, do ponto de vista social” (SENNETT, 1997, p. 273).

Se no bojo das inovações técnicas do transporte, surgiu a passividade de movimento, acentuou-se também a preocupação do homem ocidental com o conforto e a velocidade - “os novos inventos, a geografia da velocidade e a procura de conforto levaram as pessoas ao “individualismo” (...)”. (SENNETT, 1997, p. 281). Paralelamente, as mudanças tecnológicas atuais, ao impactarem o meio comunicacional, afetaram o comportamento do sujeito, principalmente, no surgimento do espaço virtual – o ciberespaço.

Margaret Wertheim, em seu livro “Uma história do espaço: de Dante à Internet”, mostra o espaço como o lugar onde as coisas – o homem e a sua alma – estão. Neste artigo usaremos o entendimento dela sobre ciberespaço, a fim de compreendermos a ambiência virtual e avaliarmos as mudanças desencadeadas pela ambiência virtual no cotidiano do homem.

Ao descrever o ciberespaço, Wertheim (2001) o apresenta como “um espaço novo e enigmático” (WERTHEIN, 2001, p. 163). Numa explosão exponencial incalculável, esse novo espaço aproxima sem descolamento físico e se movimenta através do deslocamento da mente. “Em suma, num determinado sentido, o ciberespaço se tornou um novo domínio para a mente” (WERTHEIN, 2001, p. 170). No ciberespaço, a individualidade do sujeito foi dividida de uma forma até então inexistente. Neste ambiente podemos assumir diversos “eu”, ampliar as nossas redes de contatos sociais, compartilhar ideias e opiniões sobre os mais diversos assuntos, tudo isso sem precisar nos movimentarmos fisicamente. Para a autora o

ciberespaço “poderia contribuir para nossa compreensão de como construir comunidades melhores” (WERTHEIN, 2001, p. 218). Porém, ao mesmo tempo em que o ciberespaço serve à construção de comunidades, ele também permite ao sujeito a expurgação de sentimentos negativos capazes de desencadear o preconceito, visto estarem seus sujeitos mascarados pelo anonimato digital, comportamento corrente nas redes sociais.

Rede Social, a partir da definição de Recuero (2009), representa um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições, ou grupos que seriam os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). As redes sociais se apresentam como territórios livres a manifestações de ideias, ideologias e opiniões. Os sujeitos as utilizam como uma forma de alinhamento de tribos (MAFFESOLI, 1998) e através delas se agrupam em torno das mesmas ideias e sentimentos. Os mecanismos de privacidade e de anonimato das redes sociais fazem delas o novo espaço comunicacional dos discursos do homem contemporâneo.

Os discursos construídos dentro das redes sociais têm efeito sobre os sujeitos e seus comportamentos (RECUERO, R; SOARES, P, 2013), reverberam na construção ou/e na afirmação de sua identidade, e/ou na reprodução das agressividades online. Recuero (2013) tece algumas considerações sobre a influência das redes sociais no comportamento dos sujeitos:

[...] as redes sociais tiveram um impacto profundo no cotidiano das pessoas, alterando a forma como se relacionam, constroem e percebem valores e mesmo como constroem significados e sentidos. Eles não apenas refletem essas redes, mas influenciam sua construção e com isso, os fluxos de informação que circulam nesses grupos (RECUERO, R; SOARES, 2013, p.10.)

Como parte de sua mutação, as redes sociais construíram um novo espaço comunicacional onde vigoram outras “leis” de lugar e tempo, como no caso do YouTube. A rede social YouTube disponibiliza conteúdos audiovisuais diversificados aos usuários, instiga os internautas a produzirem e a transmitirem conteúdos na própria rede. A relevância social do YouTube na contemporaneidade justifica-se por meio dos números de dados de acesso e conteúdo - mais de um bilhão de usuários todos os meses, e mais de seis bilhões de horas são assistidas a cada mês nos diversos canais disponíveis.

A plataforma permite que qualquer internauta se torne um “formador de opinião” e um agregador de sujeitos em torno de discussões de temas diversificados, a partir dos vídeos que são postados no canal. Esses produtores são chamados de *Youtubers* e concentram milhões de internautas em seus canais, por meio de assinaturas. O *Youtuber* posta vídeos de acordo com a frequência que lhe convém, e seu conteúdo pode ser assistido por qualquer internauta que encontre seus vídeos através de pesquisa, hiperlink ou pela assinatura de seu canal. Os

assinantes dos canais dos *Youtubers* agrupam-se por interesse de conteúdo ou graças à sensação (ou desejo) de pertencimento e interação por meio de avaliações, “gostei” ou “não gostei” e comentários. O número de *likes* é uma medida de popularidade. Essa agregação dos sujeitos em grupos de interesse comprova a ideia de que os *Youtubers* podem ser considerados líderes de opinião, em função do volume de pessoas que recebem suas mensagens e da discursividade que se estabelece em seus vídeos.

Focado nas discussões do vídeo “Caião quer conversar”, o artigo visa analisar os comentários dos usuários postados no canal da youtuber Julia Tolezano. A metodologia aplicada é a netnografia. Acreditamos que a pesquisa possa contribuir para um estudo indicativo sobre o preconceito nas redes sociais.

Jout Jout: “Caião quer Conversar”

“Caião quer Conversar⁹” é um vídeo publicado em 5 de janeiro de 2016, com cinco minutos e vinte seis segundos de duração; 1.186.508 visualizações; 623.515 avaliações resultantes dos botões “gostei” e “não gostei”; 10.919 comentários e tem como principal assunto o preconceito racial. No vídeo a youtuber apresenta o seu namorado em “resposta” à polêmica desencadeada após os usuários terem ficado surpresos com o fato de Caio ser negro. Até então, Julia fazia referências constantes a Caio, mas nunca o mostrara a seus fiéis seguidores. Movidos pela curiosidade, estes acabaram por descobrir uma foto do rapaz. Para surpresa geral, Caio era negro. A partir deste fato surgiram os comentários, tais como: “Caio na minha imaginação é loiro alto, de olhos azuis e musculoso” / “Não imaginava que o Caio era negro” / “Será? Na minha mente Caio é branco. Mas ele é um metamorfo (sic), a cada vídeo ele muda”.

Em reação, Julia resolveu fazer o vídeo “Caião quer conversar”, onde oficialmente apresenta seu namorado. Ali, Caio nos conta o quanto ter se sentido surpreso com as reações das pessoas em relação a sua cor, pois nunca havia pensado sobre o fato de ser negro ou não, conforme trecho abaixo:

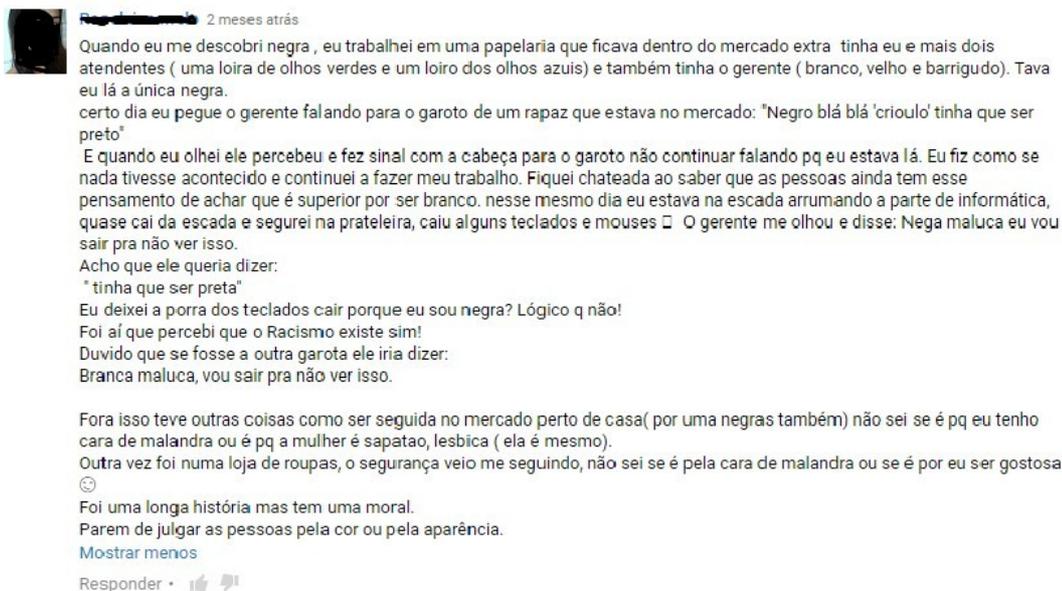
"Quem decide isso? É o americano que fala que sou parecido com o Barack Obama ou é o marido da minha mãe que é africano e disse que eu não sou negro? São meus dois avós negros que casaram com minhas duas avós brancas? São meus traços, meu cabelo? Eu que decido? Como é isso? Se eu tive essas dúvidas, se eu não tive essas discussões mais cedo na minha vida, imagino que muita gente deve ter esse mesmo problema que eu. De não conversar, não discutir, e não saber se definir"

⁹ Dados apresentados foram extraídos do seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=YU20Zn5nlGQ>
Acessado em 12.dez.2016.

Caio, então, convida os seguidores do canal a fazerem uma reflexão sobre o preconceito: "É um convite para você que, assim como eu, está se descobrindo e não sabe muito bem qual é a sua identidade". A partir deste convite os seguidores postaram vários comentários. Estes comentários quando observados mais de perto se revelam bem pertinentes, a ponto de podermos tomá-los como objeto de estudo mais aprofundado.

Os comentários analisados foram retirados do vídeo em questão, "Caião quer Conversar" e coletados seguindo um período temporal de 10 dias. Foram selecionadas cinco postagens tendo como critério o uso das seguintes palavras-chaves: preconceito, racismo, negro e branco. Após a coleta, as postagens foram divididas em 3 macrocategorias que privilegiam o uso das palavras-chaves que são: a) comentários sobre preconceito/racismo; b) reflexões sobre a consequência do preconceito/racismo na vida do sujeito negro; c) comentários sobre a cor de Caio. Para análise das postagens, utilizaremos a definição de preconceito de Bernardo Jablonski (2010), mencionada no começo deste artigo e o livro de Kabengele Munanga (2015), "Negritude: Usos e Sentidos", para apontarmos as consequências do racismo, como por exemplo, "o racismo imprime marcas negativas em todas as pessoas, de qualquer pertencimento étnico, e é muito mais duro com aqueles que são vítimas diretas." (MUNANGA, 2015, p. 8).

Figura 1: Relato 1



Rafaela 2 meses atrás

Quando eu me descobri negra, eu trabalhei em uma papelaria que ficava dentro do mercado extra tinha eu e mais dois atendentes (uma loira de olhos verdes e um loiro dos olhos azuis) e também tinha o gerente (branco, velho e barrigudo). Tava eu lá a única negra.

certo dia eu pegue o gerente falando para o garoto de um rapaz que estava no mercado: "Negro blá blá 'crioulo' tinha que ser preto"

E quando eu olhei ele percebeu e fez sinal com a cabeça para o garoto não continuar falando pq eu estava lá. Eu fiz como se nada tivesse acontecido e continuei a fazer meu trabalho. Fiquei chateada ao saber que as pessoas ainda tem esse pensamento de achar que é superior por ser branco. nesse mesmo dia eu estava na escada arrumando a parte de informática, quase cai da escada e segurei na prateleira, caiu alguns teclados e mouses ☐ O gerente me olhou e disse: Nega maluca eu vou sair pra não ver isso.

Acho que ele queria dizer:

" tinha que ser preta"

Eu deixei a porra dos teclados cair porque eu sou negra? Lógico q não!

Foi aí que percebi que o Racismo existe sim!

Duvido que se fosse a outra garota ele iria dizer:

Branca maluca, vou sair pra não ver isso.

Fora isso teve outras coisas como ser seguida no mercado perto de casa(por uma negras também) não sei se é pq eu tenho cara de malandra ou é pq a mulher é sapatao, lesbica (ela é mesmo).

Outra vez foi numa loja de roupas, o segurança veio me seguindo, não sei se é pela cara de malandra ou se é por eu ser gostosa 😊

Foi uma longa história mas tem uma moral.

Parem de julgar as pessoas pela cor ou pela aparência.

[Mostrar menos](#)

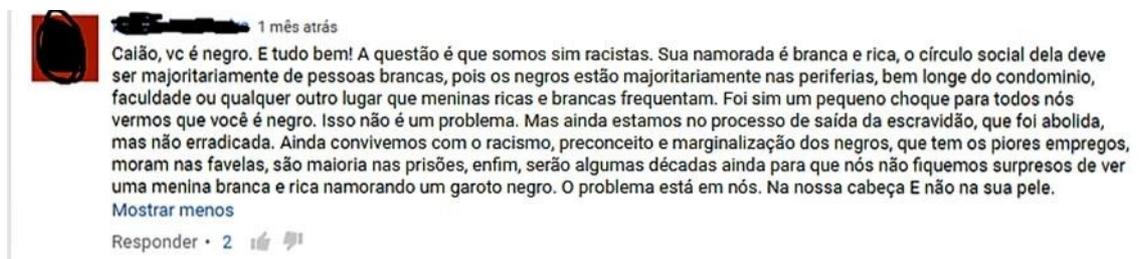
Responder • 👍 🗨

Fonte: Print da Autora

Na figura 1, a usuária libera a sua emoção ao relatar um caso de racismo. Ao narrar o episódio a personagem dá acesso a suas emoções pessoais e faz questão de concluir a

postagem por meio de uma moral: “Parem de julgar as pessoas pela cor ou pela aparência”. Essa postagem suscita várias questões em torno da questão do preconceito e do racismo, como a ideia de que o preconceito estaria alicerçado na competição entre grupos, segundo aponta Jablonski (2010) “a competição é um dos caminhos que mais facilmente conduzem à formação de estereótipos, preconceitos e atos discriminatórios” (JABLONSKI, 2010, p. 153). A internauta ao descrever a forma como o gerente, por ser branco e por conta disso, se supor numa posição superior, refere-se ao garoto/menino por ele ser negro, demonstra as premissas equivocadas do gerente, conducentes à formação de condutas discriminatórias. Outro aspecto importante apresentado na postagem foi a empatia da personagem ao presenciar um menino sendo vítima de preconceito, conforme trecho: “(...) fiquei chateada ao saber que as pessoas ainda tem esse pensamento de achar que é superior por ser branco (...)”. Para Munanga (2015), a solidariedade entre as vítimas do racismo, possibilita uma maior conscientização e afirmação da importância de se combater o preconceito, ao invés de o esconder através da negação de sua cor. A narrativa pessoal reforça o caráter de confiança e de reforço do lugar de fala ao descrever o preconceito sofrido.

Figura 2: Relato 2

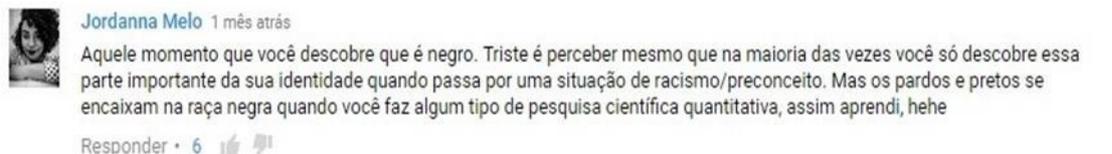


Fonte: Print da Autora

Na figura 2, percebemos que o internauta de fato se assustou com o fato do Caio ser negro, visto que a parceira amorosa, na opinião dele (a), é uma “branca e rica”, que deriva de um círculo social, onde pessoas negras não frequentam: “Foi sim um pequeno choque para todos nós vermos que você é negro. Isso não é problema”. De acordo com Jablonski (2010), os conflitos ligados ao status social, ao poder político e ao acesso a recursos econômicos, constituem um dos fatores desencadeadores de preconceito. Na frase do personagem: “Sua namorada é branca e rica, o círculo social dela deve ser majoritariamente de pessoas brancas, pois os negros estão majoritariamente nas periferias, bem longe do condomínio, faculdade ou qualquer outro lugar que meninas ricas e brancas frequentam”, pelo viés racial percebemos a segregação que o preconceito dogmatiza, restringindo a alguns, devido a cor e fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdades que a sociedade outorga livremente a outros. Dito isso, o

usuário na conclusão da sua postagem afirma, “somos sim racistas”, e conseqüentemente, coloca os negros apartados de certas conquistas e direitos, pertencentes, como um todo à sociedade.

Figura 3: Relato 3



Fonte: Print da Autora.

A personagem da figura 3, levanta a questão da identidade negra, tema apresentado no vídeo pelo Caio. É importante ressaltar que identidade negra e negritude, embora estejam relacionadas com a cor da pele negra e às leituras que recaem ou lhe são impostas, não são essencialmente de ordem biológica (MUGANGA, 2015). A identidade negra, porém, coloca em diálogo algo mais profundo, algo que atravessa a história dos povos africanos, conforme Muganga (2015). Percebemos que para a usuária, o processo de construção da identidade negra tem início, em alguns casos, quando as pessoas passam por situações de “racismo/preconceito”. Como no caso do Caio, ele só questionou sua identidade subjetiva (a maneira como o próprio grupo o define e ou é definido pelos grupos vizinhos) após os internautas levantarem esta questão nas redes sociais. As redes sociais, neste caso, exerceram o papel de terapeuta. A partir do questionamento de milhares de pessoas, Caio se viu “obrigado” a questionar a sua identidade subjetiva para que pudesse responder a essas pessoas. Pertinentemente, a sua resposta causou uma série de reflexões que fizeram com que os usuários expressassem suas histórias. Nas redes sociais as pessoas se permitiram, de forma mais livre, a exposição de seus anseios, de seus sentimentos e derrotas, a fim de encontrarem conforto ou explicação para suas aflições cotidianas.

Figura 4: Relato 4



Fonte: Print da Autora.

Na figura 4, observamos que a internauta afirma que Caio possui a voz de um negro, dando a entender que ele é negro. Apesar dele não conseguir definir a sua cor, a usuária o define através da característica da voz. Percebemos que a definição apresentada pela usuária deriva de um imaginário individual construído em cima de crenças que necessariamente não podem ser comprovadas. Conforme Agnes Heller (2008), a base do preconceito é a fé, que nasce de uma particularidade individual, cuja necessidade satisfaz.

Figura 5: Relato 5



Fonte: Print da Autora

Observamos mais uma afirmação advinda de uma crença particular sobre raça. É importante considerar o quanto essas afirmações construídas pelos usuários, a partir de seus conhecimentos individuais, podem originar o preconceito, uma vez que consolidam uma “aprendizagem” de que certo grupo social pode ser definido a partir de certas características físicas e psicológicas, e se não encaixado nestas categorizações não pertence a nenhum coletivo social. Ressaltamos também que as figuras 2 e 3, representam características da expressão pessoal dos internautas sobre o quem vem a ser, ou não, a raça negra. Essas definições que partem de elementos individuais e que se apoiam em concepções coletivas da figura negra, podem perdurar por muito anos até que alguém as questione.

A análise realizada em cima das postagens, após a visualização do vídeo “Caião quer conversar” não dá conta da abrangência do tema preconceito. Numa tentativa de estabelecer um entendimento das narrativas selecionadas para análise do impacto do vídeo sobre os usuários, nos concentramos na concepção de preconceito derivada da psicologia. O preconceito neste campo epistemológico refere-se a atitudes ou comportamentos negativos direcionados a indivíduos ou grupos, baseados em um julgamento prévio e mantido, mesmo que refutado.

Considerações Finais

Diante desses dados e reflexões, percebe-se que o ambiente virtual é um espaço propulsor para construção e desconstrução da subjetividade do homem contemporâneo. O sujeito através das redes sociais pode relatar suas histórias, tanto decorrentes de

acontecimentos cotidianos, como originadas de memórias pessoais. Nas postagens apresentadas, percebemos que o vídeo do Caio suscitou uma série de reflexões sobre o preconceito racial e que estas desencadearam nos usuários sentimentos como vergonha e constrangimento, medo, solidariedade e revolta. Sabemos que a temática apresentada no vídeo carrega em si o poder de desencadear o ódio. O ódio que o racismo consegue gerar libera energias destruidoras sem paralelo com outras formas de violência. O racismo talvez seja a única forma de ódio capaz de apagar todas as fronteiras ético-morais e dar vazão a total insensibilidade diante do sofrimento do outro.

Neste cenário, a discussão sobre a violência que permite se expressar nos ambientes comunicacionais mostra-se bastante profícua, enquanto esta converte a palavra em coação e constrangimento. Nesse sentido, o significado da violência precisa ser interpretado e (re) definido em suas várias faces, principalmente, em como se expressa e se reproduz na forma de linguagem. A partir disso, verificamos a necessidade em compreender como as redes sociais mexem com o afeto do homem contemporâneo. Sabemos que as redes sociais tanto podem favorecer o desencadeamento do discurso de ódio contra os coletivos negros, como podem contribuir na reflexão de valores sobre a identidade negra e sobre o racismo. Neste trabalho, interessou-nos analisar a capacidade que o vídeo do canal da Jout Jout desencadeou nos sujeitos, a partir das postagens apresentadas. Temos conhecimento que o tema é vasto e que exige uma maior análise a fim de compreendermos todas as nuances em cada comentário ali apresentado. Mas ressaltamos que as narrativas ali apresentadas tinham por objetivo tentar compreender o impacto que o vídeo gerou em seus usuários, por meio do diálogo de preconceito de Bernardo Jablosnki (2010).

É importante frisar que a construção de espaços para debates sobre preconceito é fundamental na tentativa de expurgar esse comportamento negativo da sociedade. A existência de lugares, tanto físicos como virtuais, no qual pessoas possam descobrir a real dimensão do preconceito através de relatos de outras pessoas que sofreram isso, ou, a real dificuldade em compreender a sua identidade subjetivo, é extremamente valioso na luta contra o racismo e as desigualdades raciais, assim como na afirmação da identidade negra. Como aponta Costa (1984): “o sujeito violentado é o que sabe ou virá a saber, sente ou virá a sentir que foi submetido a uma coerção e a uma dor absolutamente desnecessárias ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar, enquanto ser psíquico” (COSTA, 1984, apud VILHENA, 2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, L. L.; LEITE, F. (orgs.). **O negro nos espaços publicitários brasileiros: perspectivas contemporâneas em diálogo**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP: Coordenadoria dos Assuntos da População Negra, 2011. 248 p.
- COUTINHO, C. N., Gramsci: **Um estudo sobre o pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- DE VILHENA, Junia (2007, April 20). **A Violência da Cor: sobre racismo, alteridade e intolerância**. Revista Psicologia Política [Online]. Disponível: <http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/seer/ojs/viewarticle.php?id=7>.
- GLUCKSMANN, A. **O Discurso do ódio**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- JABLONSKI, B. et al.. **Psicologia Social**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Rio de Janeiro: Penso, 2014.
- MAFFESOLI, M. **O Tempo Retorna: formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitari, 2012.
- MUNANGA K. **Negritude: Usos e Sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- PAIVA, R.; BARBALHO, Al. **Comunicação e Cultura das Minorias**. Rio de Janeiro: Paulus, 2005.
- RECUERO, R.; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso dafanpage “Diva Depressão”. **Revista Galaxia**, São Paulo, n. 26, p. 239-254, dez. 2013.
- RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- WERTHEIM, M. **Uma história do espaço: de Dante à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- SENNETT, R. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1997.